

A Rússia, o Ocidente e a democracia liberal

A moderna ideia de democracia liberal, uma democracia representativa, como um modelo político universal, tem a sua génese no Ocidente na transição do século XVIII para o século XIX.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 3 de janeiro de 2023

1. A questão não é nova, mas com a invasão da Ucrânia pela Rússia reemergiu na mente de muitos. Qual a razão pela qual a Rússia não é hoje, nem nunca foi na sua história, uma democracia liberal, desviando-se do trajecto da modernidade política europeia e ocidental dos últimos dois séculos e meio? Olhando para a sua história, apenas houve duas curtas experiências liberais à entrada e à saída do século XX. A primeira, em 1917, durante I Guerra Mundial, com a Revolução de Fevereiro, foi particularmente efémera pois foi abruptamente interrompida pela Revolução bolchevique (comunista) de Outubro. Mas essa transformação revolucionária levou também a uma desintegração parcial do Estado russo, com substanciais perdas territoriais só recuperadas com dificuldade mais à frente. A segunda experiência ocorreu ao longo dos anos 1990, após a desintegração da União Soviética e do regime comunista — que levou, de novo, a enormes perdas territoriais e de influência no mundo —, abrindo caminho à mudança para uma economia capitalista liberal. Para muitos russos que viveram essa época, deixou, assim, uma memória traumática, de penúria, de caos e de fraqueza. A história russa leva a formular uma interrogação crucial: a inexistência de uma democracia liberal é apenas o resultado do autoritarismo de Vladimir Putin que a subverteu, ou a explicação é mais complexa e profunda?

2. Mas o caso da Rússia levanta outras interrogações delicadas sobre a democracia liberal e as suas características universais. É a democracia liberal uma forma de governo válida para qualquer sociedade humana? Pode a escolha da democracia liberal, vista como a melhor forma de governação humana — ou eventualmente a menos má, numa visão pragmática face às outras alternativas de regimes políticos —, ser justificada apenas por argumentos racionais? Mas, se esta é, ou deveria ser, uma forma de governo generalizada das sociedades humanas, qual a razão pela qual em muitos Estados do mundo não funciona bem, ou não funciona de todo, nem parece particularmente desejada pela população? (Isto para além rejeição da tirania e da opressão, que são aspirações largamente transversais ao ser humano) Estas, são, naturalmente, questões particularmente complexas às quais não é possível responder de forma definitiva, menos ainda num texto curto como este. Todavia, podem ser aqui avançados alguns aspectos fundamentais para a compreensão do problema, com incidência no caso da Rússia.

3. A moderna ideia de democracia liberal, uma democracia representativa, como um modelo político universal, tem a sua génese no Ocidente na transição do século XVIII para o século XIX. A democracia ateniense da Antiguidade clássica foi a sua inspiração, mas, na realidade, trata-se de uma criação moderna. Apesar de ser uma ideia política secular está, ainda que subtilmente, impregnada da visão do mundo universalista do Cristianismo latino — ou seja, católico e protestante. O próprio conceito de Ocidente (à primeira vista apenas um termo geográfica e secular) tem origem na antiga designação medieval de Cristandade ocidental. Todavia, com o Iluminismo do século XVIII, o Ocidente — herdeiro da antiga Cristandade ocidental —, passou crescentemente a usar a razão para delinear uma visão do mundo universalista, afastando-se, assim, dos tradicionais princípios dogmáticos de fé religiosa. Emergiu aí a convicção da existência de uma razão universal, similar em todos os seres humanos. Como consequência, usando a razão, qualquer ser humano, em qualquer parte do mundo, chegaria a similares valores e princípios. É neste poderoso quadro mental, associado à ideia de progresso moral (nos princípios e valores) e material (científico e tecnológico), também herdada do Iluminismo, que se alicerça a convicção da universalidade da democracia liberal no Ocidente.

4. Todavia, no mundo globalizado do século XXI, persistem outras formas de ver o mundo imbuídas de profundas convicções universalistas, mas antagónicas. É o caso do Islão, onde está enraizada a convicção de que a sua visão do mundo é válida para toda a humanidade. Face ao Ocidente, essa convicção mantém-se ancorada numa fé religiosa tradicional e dogmática, não se tendo metamorfoseado num pensamento secular e racional. Muitos no Islão acreditam, convictamente, que os seus valores, religiosos, morais e políticos, são um bem universal. Assim, não é um acaso que a maioria das sociedades islâmicas sejam avessas à democracia liberal. É uma rejeição do universalismo ocidental, visto como rival. No entanto, o caso da Rússia não se enquadra aí. Na Rússia está enraizada uma profunda rivalidade com o Ocidente, cujas origens mais antigas estão dentro das divisões do Cristianismo. Nasceu aí um sentido de missão, de excepcionalismo e de identidade única: um Estado herdeiro do Império Bizantino, destinado a ser guardião do verdadeiro Cristianismo (o Ortodoxo). A Rússia teve também o seu grande momento de metamorfose secular, o qual ocorreu não com o Iluminismo do século XVIII, de tonalidades europeias e americanas, mas com a revolução bolchevique de 1917. Aí emergiu um universalismo do proletariado e da classe trabalhadora, do qual a Rússia soviética era o guia universal. Com o traumático colapso do comunismo soviético ocorrido após a queda do muro de Berlim em 1989, o excepcionalismo russo, de traços ortodoxos, reemergiu gradualmente. Permite, de novo, dar a muitos russos a ideia de voltarem a ser um farol da humanidade e não meros seguidores do Ocidente e dos seus modelos culturais e políticos.

5. Para se perceber as dificuldades da democracia liberal na Rússia é necessário ter claros os limites da visão ocidental, enquanto grelha explicativa do mundo. Não é apenas a transformação histórica da Rússia que não encaixa na lógica evolutiva do Ocidente. Também a ideia de seres humanos, em qualquer parte do mundo, usando apenas a razão para fazerem escolhas políticas (ou económicas) é uma abstracção teórica ilusória.

No mundo real, o que há de mais próximo desse tipo ideal de ser humano é, ironicamente, não um ser humano, mas uma máquina que usa a inteligência artificial. Assim, a adesão ou rejeição da democracia liberal no mundo não ocorre apenas por escolhas racionais de uma sociedade política (que deveria escolher a melhor forma de governação humana, ou, pelo menos, a menos má, o que aos olhos ocidentais aponta para a democracia liberal), nem por uma convicção de evolução e progresso profundamente enraizadas. Ocorre, desde logo, pelo facto de as ideias políticas gerarem emoções — positivas ou negativas — que afectam profundamente as escolhas feitas por indivíduos e sociedades. Na Rússia, pela especificidade da sua história, que oscila entre admiração e uma profunda rejeição do Ocidente, a democracia liberal adquiriu uma carga emocional acentuadamente negativa.

6. Chegamos, assim, a um último ponto crucial na questão. A escolha de um determinado regime político não é neutral no poder. Em certos casos pode amplificá-lo de forma mais ou menos acentuada, noutras diminuí-lo de forma subtil ou ostensiva. Assim, a democracia liberal está também associada a poder ou fraqueza, o que contribui para a tornar atractiva, ou para criar aversão a esta. No Ocidente, a democracia liberal é elogiada pelos valores e princípios superiores que contém, de possibilidade de escolha dos governantes, de liberdade e de respeito pela dignidade do ser humano. Todavia, essa não é a história toda. A adesão do cidadão aos seus princípios e valores — e a sua legitimidade — decorrem também da percepção que dá bem-estar material, mas também poder e influência no mundo pela exportação do seu modelo, o que reforça a atracção aos olhos ocidentais. É muito por isso que o Ocidente deseja que a Rússia se transforme, um dia, numa democracia liberal e não apenas por ideais de direitos humanos ou de rejeição da opressão do povo russo. Mas a reacção típica russa é a de se colocar exactamente na posição inversa. Por isso, esperar que a Rússia, sob o trauma de uma catastrófica derrota militar na guerra da Ucrânia, afaste Vladimir Putin e se metamorfoseie numa democracia liberal à ocidental é tão (im)provável como estarmos a caminhar para a paz perpétua de Immanuel Kant.

<https://www.publico.pt/2023/01/03/mundo/analise/russia-ocidente-democracia-liberal-2033525>